



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

**MODERNIDADE E BELEZA: A BUSCA DO BELO PELA MULHER PARAIBANA
(1921-1923)**

STEPHANIE DIANNY PEREIRA DE ARAÚJO

CAMPINA GRANDE,
SETEMBRO/ 2014

**MODERNIDADE E BELEZA: A BUSCA DO BELO PELA MULHER PARAIBANA
(1921-1923)**

STEPHANIE DIANNY PEREIRA DE ARAÚJO

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado e História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande
2014



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

Campina Grande
2014

STEPHANIE DIANNY PEREIRA DE ARAÚJO

MODERNIDADE E BELEZA: A BUSCA DO BELO PELA MULHER PARAIBANA
(1921-1923)

Monografia Avaliada em __/__/__ com o aceite _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

Aos meus pais, José Diniz e Dalva, pelo incentivo e motivação. Pela dedicação e confiança em meu trabalho e em meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por estar permitindo-me completar mais essa etapa muito importante de minha vida, com força, fé e sabedoria em sua infinita misericórdia.

Aos meus amados pais e eternos companheiros, Dalva e José Diniz, que me proporcionaram grande suporte emocional me incentivando para tornar meu projeto realidade, mas principalmente por dedicarem a mim o amor incondicional; repletos de muita paciência e palavras de apoio. Aos meus irmãos, Denis, Décio, Fábio e Flávio, pelo incentivo, carinho e amor durante todos esses anos de minha vida me ajudando a ser uma pessoa melhor.

Aos meus lindos e amados amigos Artur Neiva, Jáder Leal, Amanda Neiva e Alanne Eugênia pelo carinho e paciência durante todos esses longos anos de amizade, amor e afeto. Sendo, vocês, o motivo de muitas risadas e alegrias.

Aos meus amados e lindos amigos historiadores Thalita Mariana, Hadassa Araújo, Josinaldo Sousa e Rafael Porto, que além da amizade incondicional me apoiando nos momentos mais difíceis, me proporcionaram trocas de conhecimentos históricos que jamais irei esquecer.

Ao meu querido professor e orientador, Iranilson Buriti, que puxou a minha orelha muitas vezes, mas tudo para me guiar ao caminho mais certo a ser seguido. Nunca desistiu de minha capacidade intelectual, e sempre me concedeu muita confiança e fé.

E todos aqueles que de alguma forma me ajudaram nos momentos difíceis de grande angústia, como é o caso de Alanny Paulo que veio a me ajudar nos momentos de falta de fontes e acesso a elas.

Meus sinceros agradecimentos!

SUMARIO

INTRODUÇÃO	07
1.O “MODERNO” E O “PROGRESSO” NO PERIODO REPUBLICANO	
1.1. Histórias Republicanas Brasileiras	10
1.2. A Parahyba Republicana	15
2. O CORPO FEMININO MODELADO	
2.1. Corpo Feminino: Modelando-se através dos tempos	19
2.2. A Arte de Embelezar-se – Mulher e sua beleza sedutora	23
3.A MULHER PARAIBANA REPRESENTADA PELAS PROPAGANDAS DE COSMÉTICO NA REVISTA ERA NOVA	
3.1. As Revistas e o Panorama modernizante brasileiro	30
3.2. A Revista Era Nova: Vitrine dos corpos impressos	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	42

INTRODUÇÃO

A mulher e a indústria da cosmética se constituem como uma temática pouco abordada na historiografia paraibana, ainda mais se levamos em consideração a circulação da cosmetologia como um vetor de ideias modernizadoras, que tem como propósito a mudança do território não só paraibano, mas também nacional. Principalmente se nos debruçarmos a analisar a beleza sobre os olhares das revistas do século XX, tomando como base os anúncios e propagandas de beleza por elas apresentados.

As primeiras inspirações sobre o tema do trabalho que apresento vieram-me quando ainda estava no sexto período da graduação de Bacharelado em História, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pude me deparar com questões colocadas no componente curricular História do Brasil III, no qual vi os impactos das concepções trazidas da Europa para o Brasil, que giravam em torno da modernidade que terminaria na instituição da República. Sendo assim, percebi que as temáticas trazidas no componente poderiam ser relacionadas com temas que tenho grande estima, que são a cosmética e a beleza. Então, ao analisar os anúncios de beleza trazidos pela Revista Era Nova dos anos de 1921 a 1923, captei muitas questões que podiam ser relacionadas com o contexto histórico de modernidade que estava a se instaurar no Brasil em inícios do século XX.

O primeiro contato que tive com a **Revista Era Nova** iniciou-se no ano de 2013, quando pude ser integrante do projeto “A Saúde das Expressões Faciais: A História Cultural do Sorriso (1919-1945)”, coordenado pelo professor Iranilson Buriti e financiado pelo CNPq. Sendo assim, iniciaram-se meus trabalhos de pesquisa acerca desse material adquirido; porém no decorrer de minha pesquisa percebo que os materiais que tinha em mãos não eram suficientes para o desenrolar de minha pesquisa, pelo fato de que só tive acesso a dados dos anos de 1921 e 1922, e no entanto o meu trabalho de pesquisa tem por recorte temporal 1921 a 1923.

Foi então que precisei ter acesso a uma nova fonte de documentação, e em minhas pesquisas pela internet tive conhecimento de um projeto financiado pelo CNPq que toma como corpus os jornais e revistas paraibanos, tentando reconstituir as categorias históricas das práticas leitura e de escrita do século XIX, na Paraíba; nele pude ver a documentação da **Revista Era Nova** de 1921 a 1925. Para falar mais um pouco sobre o site do projeto, pode-se dizer que ele amplia os seus horizontes, sempre tomando os periódicos como corpus, ao abrigar investigações que extrapolam o âmbito literário, como é o caso da instrução pública. Sendo assim, o site conta com a colaboração projetos de pesquisa de professores,

doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica, com temas, objetos e interesses os mais variados.¹ Com isso, o mesmo site do acervo passa a ser um dos meios utilizados por mim, em minha pesquisa.

Esse tema se constitui em um assunto de grande importância cultural e histórica, uma vez que a beleza sempre esteve ligada com a ideia de feminilidade, assim como de modernidade. Muitas mulheres paraibanas foram silenciadas pela ausência de trabalhos como este; minha maior pretensão é dar voz para aquelas que por muito tempo foram silenciadas, partindo de algo que está intrinsecamente ligado ao feminino, que é a beleza.

No início do século XX, o Brasil estava passando por um grande processo de reestruturação urbano e social. As transformações conhecidas em algumas capitais brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, foram investigadas a partir da influência da imprensa no cotidiano da formação de um indivíduo modernizado. A aceleração, a difusão dos novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, a construção de espaços públicos e seu usufruto; tudo isso foi anunciado nas revistas e jornais da época. Revistas como **Malho** (RJ, 1902), **A Avenida** (RJ, 1903), **Kosmos** (RJ, 1904), **Fon-Fon** (RJ, 1907), **Careta** (RJ, 1908), **A Cigarra** (RJ, 1914) e **O Cruzeiro** (1928) demonstravam em suas páginas os “tempos eufóricos” da renovação da sociedade brasileira. As ilustrações, com determinados fins comerciais, tornam-se parte indissociável das revistas. Sendo assim, “os historiadores incumbiram-se de transformá-la em outro fértil meio de pesquisa”². Articulando as novas demandas da vida urbana, a publicidade do início do século XX nos mostra como se desenvolvia o cotidiano dos indivíduos, em meio as políticas modernizantes.

Porém, como venho frisando durante todo o discurso introdutório do presente trabalho, minha temática abordará a circulação que a indústria cosmética, levando-se em consideração os anúncios publicitários na **Revista Era Nova**, teve sobre o cotidiano da mulher paraibana, junto com as novas concepções de modernidade que estavam a se instaurar em território brasileiro. Entendo também que essa mulher que a **Era Nova** estava a anunciar seria uma “Nova Mulher”, com sua progressiva saída do meio privado para o meio público, em que as avenidas, ampliadas pela reforma urbana modernizadora, passavam a ser seu principal palco de exibição de suas belezas – sejam elas naturais ou “construídas”.

O presente trabalho partirá da análise de estudiosos como com Denise Sant’Ana, George Vigarello, Elaine Romero, Mary Del Priori e Michelle Perrot, para que se possa fazer

¹ Informações retiradas do site de pesquisa <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/sobre.html>

² LUCCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”.

uma problematização levando em consideração o corpo feminino como instrumento de ressignificação, partindo de ideias trazidas pela modernidade transfiguradas nos anúncios de beleza da **Revista Era Nova** dos anos de 1921 á 1923.

Divido o trabalho em três capítulos: o primeiro aborda o contexto histórico paraibano e nacional, iniciando a discussão sobre modernidade e mudança social e política no século XX; o segundo trabalhacom a ideia de corpo feminino e as ideias de embelezamento norteando-se a partir da narrativa vinculada com a modernidade; e o terceiro, que trata-se da análise documental da **Era Nova**, problematizando as ideias de modernidade, beleza e mulher.

Para finalizar minha narrativa introdutória do trabalho que venho propor, desejo ao leitor uma ótima leitura, e que minha narrativa possa trazer-lhe grandes contribuições historiográficas, e que possa ser algo prazeroso e instigante.

CAPITULO I

O “MODERNO” E O “PROGRESSO” NO PERIODO REPUBLICANO

1.1 Histórias Republicanas Brasileiras

Em fins do século XIX para o início do século XX, o Brasil estava passando por um processo de mudanças que viriam a afetar a ordem e as hierarquias sociais do país. Sendo assim, as noções de tempo e espaço do cotidiano das pessoas que se inseriam no panorama brasileiro estavam se transformando conforme a uma nova ordem social e política programada: a República.

Com a instauração da República, conceitos (trazidos da Europa) como civilização, progresso e, acima de tudo, modernidade, foram sendo inseridos em território brasileiro. Passa-se a planejar, desde então, a formação de um país que está migrando para a modernidade e o progresso; a conceituação de um país ideal aos moldes europeus. A luta pela abolição e a ideia de república passaram a fazer parte dessa utopia modernizante, muito colocada pelo modelo burguês internacional de civilidade.

Porém, a Europa estava a andar em passos largos, se compararmos com países como o Brasil, no que concerne a formação de uma sociedade moderna. Isso porque desde os fins do século XVIII a Europa passa a protagonizar a chamada Revolução Industrial, estreando um surto inaugural da economia industrializada, propiciando o surgimento das primeiras fábricas.

Em um momento seguinte à expansão da economia industrial, passou-se a desencadear a chamada Segunda Revolução Industrial, também chamada de Revolução Científico-Tecnológica, ocorrida em meados dos anos de 1870. Há, a partir de então, o avanço nas descobertas científicas possibilitando o desenvolvimento de novos potenciais energéticos. Outra questão de grande influência que veio com o advento da Segunda Revolução Industrial foi a consolidação da unidade global do mercado capitalista, possibilitando a expansão europeia de forma acelerada nas sociedades tradicionais, de economia agrícola, como é o caso do Brasil, transformando-as em sociedade de ritmos mais acelerados e dinâmicos.

No Brasil, o grande impacto da modernidade foi justamente a instauração da República. Entretanto, podia-se ver que esse movimento republicano possuía outro sentido, além da busca pelo moderno e o progresso. Grandes fazendeiros de café do Sudeste viam na República a chance da formação de sistema federalista, que pudesse assegurar-lhes o controle do poder econômico, podendo interferir no destino da nova ordem. Uma das medidas que

primeiro foi tomada concernia na abertura da economia para os capitais estrangeiros, sobretudo os ingleses e americanos. Com isso, podemos perceber a vinda à industrialização imediata, promovida pelas elites novas locais, segundo o que nos fala Nicolau Sevckenko, em seu texto retirado.

As cidades do Brasil, como a capital carioca Rio de Janeiro, passavam por transformações modernizadoras, sendo orientadas e moldadas pelos modelos parisienses da *Belle Époque*, tendo por objetivo a construção de uma cidade moderna “para estrangeiro ver”, e que esses “estrangeiros” pudessem investir economicamente nas cidades brasileiras, servindo até como uma forma de uma maior urbanidade. Sendo assim, havia a inclusão de avenidas, alargamentos de ruas e modernização das arquiteturas residenciais. A maior pretensão, neste momento, era de um Brasil urbano e moderno que a cada instante se colocasse como um país cosmopolita.

A industrialização trazida pela influência de grandes metrópoles internacionais, como é o caso da Inglaterra, obteve impacto na sociedade e na estrutura da vida dos brasileiros do início do século XX. Como diria Renato Ortiz, “fruto do desenvolvimento do capitalismo e da industrialização recente, ele aponta para um tipo de sociedade que outros países conheceram em momentos anteriores”.³

Como o foco em questão era a busca de uma sociedade que pudesse ser chamada de moderna e que, caminhava rumo ao progresso. Muitas mudanças foram perceptíveis na estrutura da vida brasileira, como é o caso do movimento de urbanização do país, que antes se configurava em características agrárias. Pretendia-se tornar os centros populacionais brasileiros, como são os casos de São Paulo e Rio de Janeiro, em locais que aspirassem ar de modernidade e civilização. Essas⁴ ideias de progresso e modernidade eram modeladas a partir das concepções trazidas de metrópoles europeias, como é o caso da França e da Inglaterra, que desde muito antes já concebiam em seus interiores concepções tidas como modernas. É o que me faz lembrar as palavras de Marshall Berman, quando ele nos diz que a modernidade é

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e de ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana.¹

Porém, tinha-se em mente, na época, que para formar uma sociedade que estivesse rumo ao progresso e que pudesse se denominar moderna, seria de suma importância

³ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira. Cultura Brasileira e a Indústria Cultural** Ed. Brasiliense.

⁴BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar.** O autor se apropria da questão da modernidade para mostrar que ela traz consigo a intencionalidade de unir os humanos. Trazendo a questão de que, queira que não, a modernidade é um movimento que vai se propagando conforme sua noção.

aformação de uma consciência nacional; trazer o que podemos chamar de uma nacionalidade genuinamente brasileira. Sendo assim, a grande base da formação dessa nacionalidade foi a atenção voltada à questão constituição do “Homem Brasileiro”, como traz Jerry Dávilla.

Como será o corpo do homem brasileiro, do futuro homem brasileiro, não do homem vulgar ou inferior, mas do melhor exemplar da raça? Qual a altura? O seu volume? A sua cor? Como será a sua cabeça? A sua fisionomia?⁵

Daí, pode-se perceber que o que entrará em cena, para as respostas dessas perguntas, serão discursos que estavam intrinsecamente ligados a representatividade do homem brasileiro, ou seja, qual a melhor “raça” poderia representar a nacionalidade genuinamente brasileira. Representatividade essa que nos faz lembrar as questões apresentadas por Chartier, quando ele nos mostra que “no primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de figurar tal como ele é.”⁶

Para a formação dessa figura do “Homem Brasileiro”, os intelectuais da época valeram-se das concepções dadas pela eugenia. Com isso, concepções tidas como “miscigenação” e “degeneração” foram bastante colocadas para excluir e segregar “raças” tidas como mal vistas. A própria miscigenação (mulatos, caboclos, etc.) foi vista como a degeneração no povo brasileiro, não só pela cor de pele, mas também pelos vícios e atitudes desviantes que poderiam vir a deslegitimar o que seria a formação do Homem Brasileiro. O negro foi retirado desse panorama de formação, sendo ele responsabilizado por toda a parte ruim do povo brasileiro, considerado como detentor de comportamentos que viriam a interferir na moral e nos bons costumes da sociedade. Pois assim, o “Homem Brasileiro” foi considerado aquele que, e pelo menos, possuía três características: branco, cristão e moralmente civilizado, como nos mostra Jerry Dávila em “Diploma de Brancura”, ao passo que o autor tende a nos mostrar as distinções do que é ser um cidadão brasileiro no início do século XX.

Assim, as ciências sociais teriam que trabalhar em conjunto com as ciências naturais, no âmbito que aprimorar cada vez mais os estudos sobre as teorias desenvolvidas na adaptação do estudo das sociedades. Dessa forma, as correntes de estudos sociais que mais se

⁵ DAVILLA, Jerry. **Diploma de Brancura**. Vemos como, naquele momento a formação do homem biologicamente, brasileiro, seria de sua importância para a constituição da nacionalidade. A preocupação com a representação do que seria esse homem, quem o representaria e qual “raça” poderia melhor representá-lo.

⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Prática e Representações**. Essa questão a representação colocada por Chartier nos remete, justamente, a aquilo que se queria formar com a concepção do “Homem Brasileiro”, um objeto que pudesse transfigurar aquilo que está ausente.

desenvolveram nesse momento da história brasileira foram: o positivismo comtiano, darwinismo social spenceriano e a antropologia criminal lombrosiana⁷.

A sociedade brasileira foi comparada com um corpo orgânico, com seu sistema celular e sua perfeita função. Sendo assim, o Brasil foi sendo comparado a um corpo doente que precisava ser, urgentemente, medicalizado, e é por isso que, naquele momento, as políticas modernizantes e de busca da civilização vigoraram com tanto valor.

Com a vinda das políticas modernizantes e as ideias de formação de um homem genuinamente brasileiro que, lógico, precisava corresponder a certos padrões tidos como civilizados, moralmente éticos, sem vícios de más condutas, uma nova forma de pensar veio a permear a mente de muitos intelectuais brasileiros. Agora, a designação do pensamento nacional, na formação de uma sociedade nacionalizada não só estava nas mãos dos cientistas sociais; médicos e profissionais da área da medicina passaram a serem ativos na consciência dos comportamentos sociais que deviam ser adotados pela sociedade brasileira nesse contexto. As pessoas pobres e trabalhadoras foram sendo encaminhadas para os subúrbios, pois as áreas centrais se destinavam a pessoas de maior poder econômico.

É perceptível que as mudanças que estavam a ocorrer nas cidades brasileiras, ainda do século XIX, eram encabeçadas por higienistas e sanitaristas. A maior pretensão desse grupo de estudiosos era a associação dos problemas ocorridos socialmente, com os problemas de envolviam a saúde individual, como é o caso das constantes epidemias. As habitações populares passaram a ser o grande alvo de médicos sanitaristas, sendo considerados como ambiente propício para das doenças e práticas denominadas “promíscuas”.

Como resultado da influência médica no cotidiano dos indivíduos para o condicionamento moral e ético a ser adotado, têm-se a concepção de políticas higienista e

⁷Positivismo Comtiano: O positivismo nasce como *corpus* teórico formulado por Augusto Comte, motivado por leituras particulares acerca das mudanças sociais observáveis à sua época, tendo como epicentro a alternância de poder corrente entre o sistema absolutista – sustentado por uma aristocracia rural e por um sistema religioso conservador, ambos ainda com resquícios feudais – para o modelo liberal – baseado na livre concorrência da economia industrial. Para ele, o confronto entre estes dois modelos político-econômicos causava perturbações intelectuais e morais à sociedade francesa e eram prejudiciais ao seu natural desenvolvimento; Ver: <http://searadeideias.blogspot.com.br/2012/02/pisitivismo-comtiano-brevissimo.html>
Darwinismo social seria a teoria da evolução das espécies aplicada à sociedade.

Primeiramente, vamos analisar o conceito de darwinismo:

Criada pelo naturalista britânico Charles Darwin, a teoria da evolução das espécies vem com o objetivo de explicar o surgimento e perpetuação de todos os seres do planeta. Segundo Darwin, a coisa não vem simplesmente do nada, contrariando a explicação teológica, e sim, sofrem um processo de transformação ao longo do tempo refletindo os acontecimentos da realidade que os cerca; Ver: <http://www.simonsen.br/eja/arquivos-pdf/socio2-cap5.pdf>

Antropologia Criminal Lombrosiana: Teoria sobre o “delinquente nato”, ou seja, aquelas ideias de que as características físicas, fisiológicas e mentais dos indivíduos demonstravam se a pessoa era predisposta ao crime ou não. Em uma palavra: um criminoso poderia ser diagnosticado pelas condições anatômicas de seus corpos. Ver: <http://acertodecontas.blog.br/artigos/lombroso-e-a-ideia-do-delinquente-nato/>

sanitaristas, que não tinham só como intuito preservar a saúde corporal do indivíduo, como também os comportamentos que seriam colocados como aceitos e aqueles que se mostrariam avessos a todas essas concepções; ou seja, comportamentos que eram ditos como desviantes de uma sociedade moral, civilizada e moderna:

No empreendimento da regeneração física, intelectual e moral a que se dedicam os homens da ciência, nas primeiras décadas de século XX, não bastou ver, foi necessário registrar a realidade nua, crua, suja e triste, como também as intervenções por meio das quais se buscava reinventá-la⁸

A maior pretensão dos intelectuais, nesse momento, era retirar os elementos velhos, atrasados e coloniais, para que os mesmos pudessem ser substituídos por elementos modernos que mostrassem “o ar de progresso” da nação brasileira. Sendo assim, as pessoas teriam que se adaptar a essas mudanças adequando-se às novas concepções de tempo e espaço, sendo produtos de todos naquele meio urbano.

Tendo em vista toda essa questão da adaptação do indivíduo, e sua relação com a nova forma de vida e urbanizada, o seu corpo passa a ser constantemente autocondicionado; homens e mulheres passam a se vigiar (e porque não dizer, vigiar aqueles que o cercam) para evitar certos comportamentos que viessem a infligir esses padrões pré-estabelecidos. Nesse momento a sociedade brasileira estava ainda em um processo que colocava em divisão o moderno e o tradicional. Apesar de toda essa política que viesse a colocar o moderno em primeiro lugar, o tradicional ainda se fazia muito presente, nos fazendo crer que o passado monárquico ainda não estava desfeito. As políticas sanitárias e higienizadoras nos mostram isso, quando percebemos esse autocontrole do comportamento e privação de certas atitudes que se faziam desviantes. Com isso, vemos que a modernidade, e suas eventuais consequências, nos mostram que os indivíduos passam a se colocar a serviço do seu próprio corpo, mostrando o caráter de uma sociedade que vivia aos ares da industrialidade.

A mulher brasileira sentiu esse grande impacto da saída do tradicional ao moderno. Sendo uma sociedade que pretendia ser moderna, poderíamos pensar que a mulher passa a ter uma maior liberdade de expressão e de comportamentos, porém a realidade foi outra. O gênero feminino passa agora a ser moldado pela ciência médica que ainda coloca a mulher como submissa e, restrita ao meio privado (do lar, na criação de seus filhos e cuidados com o marido), na esfera pública era bastante rara a presença da mulher. Aquelas que se propunham ao meio público eram vistas com maus olhos, chamadas de libertinas e “mulheres do mundo”.

⁸ ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A Higienização dos Costumes**: Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925). Campinas, São Paulo. Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2003

Nesse momento, a mulher tinha que ser inteiramente subordinada à autoridade do pai quando solteira, sendo constantemente “treinada” para a função de procriar e transmitir aos seus filhos esses valores tidos como morais e éticos. Apesar, entretanto, da própria figura da República representada com aspecto feminino, caricaturada em jornais e revistas da época.

A figura da mulher ainda estava sendo bombardeada pelas mudanças na urbanização e, em decorrência do avanço industrial e do consumo em massa, havia no mercado produtos que viessem a potencializar a chamada beleza feminina. A submissão feminina estava ligada, também, à sensualidade e beleza; sendo assim, começa-se uma visão médica da cosmetologia, fortemente colocada nesse período com o advento da indústria cosmética. Essa beleza acabava por se misturar com a genuína beleza europeia – porém não irei me deter nesse primeiro capítulo ao assunto da cosmetologia e beleza, visto que será o assunto abordado nos outros capítulos seguintes.

1.2. A Parahyba Republicana:

Desde meados da segunda metade do século XIX, algumas capitais do Norte (atual Nordeste), como é o caso de Recife, vinham experimentando as mudanças estéticas e higiênicas/sanitárias, tendo seu reflexo maior observado nas suas ruas e áreas mais centrais.

Havia ainda o contexto histórico paraibano, e a busca pela modernidade e pelo progresso que tanto se colocava em xeque. Na Paraíba, em meados da segunda metade do século XX, vemos que a República mostra um contexto que envolve coronéis, como a liderança exercida de chefe político. O “voto de cabresto” era a melhor forma de “arrebatar” uma grande massa de eleitores. As lutas entre famílias, também, eram muito recorrentes durante a concorrência entre as oligarquias oposicionistas e as oligarquias situacionistas:

Na Paraíba, durante a República Velha, as lutas entre famílias foram uma constante. A corrupção e a violência caracterizaram as disputas entre a oligarquia situacionista e oposicionista nos municípios. Comumente “coronéis” mandavam seus “cabras” emboscar e agredir seus adversários (...).⁹

Semelhante ao que acontecia com as outras cidades brasileiras no século XX, o Estado da Parahyba buscava imprimir, na transformação das práticas cotidianas, os signos da modernidade e progresso e uma nova estética. A pretensão maior nesse movimento que estava a surgir era a percepção de algo novo que estava por vir. Porém, é importante lembrar que não

⁹ GURJÃO, Eliete de Queiroz. A Paraíba Republicana (1889 – 1945). In SILVEIRA, Rosa Maria Godoy **Estrutura de Poder na Paraíba**. João Pessoa. EDUEPB, 1999

podemos falar em avanço na modernidade na Parahyba da mesma forma que estava a acontecer na Europa, ou até mesmo em cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo. Na região Norte, como um todo, a capital que mais se assemelhava com os moldes europeus da época era Recife, em Pernambuco, sendo ela a maior referência em todo Norte de modernidade urbana e social, em toda a região. Mas mesmo assim não tão freneticamente como ocorria em outros centros metropolitanos¹⁰.

É bastante interessante lembrarmos que a maior intenção nesse movimento modernizador que estava a se formar na Parahyba nos mostra a importância em buscar o melhoramento da “civilização”, e do “progresso”. A modernidade na Parahyba vinha em passos mais lentos e gradativos, tendo como influência os outros centros metropolitanos, como é o caso do Rio de Janeiro e, tomando como referência o Norte, Recife. A modernidade paraibana veio a ser transfigurada na ideia de urbanização, mudando todo o panorama paraibano. A vinda do trem de ferro, da luz elétrica e do telegráfico, principalmente na cidade de Campina Grande, trouxe para a população a possibilidade um avanço tanto em fins estéticos como também de comunicação.

A apropriação e as adaptações das concepções e dos discursos sobre modernidade pelas elites letradas brasileiras e paraibanas, principalmente aqueles que concebiam ideias pautadas no positivismo e no Darwinismo Social, foram encabeçadas através da Escola de Recife, provocando uma mudança no olhar lançado até então as práticas e usos costumeiros das pessoas¹¹. Porém, essas concepções não se fizeram presentes, apenas, no momento republicano; desde o período monárquico brasileiro era perceptível essa pretensão na mudança das sensibilidades das elites, trazidas nos períodos e jornais da época.

Antes de toda essa política modernizante, o Estado da Parahyba(embora não só ele) vivia em um ambiente em que as ruas eram os principais depósitos de lixo doméstico, assim como de dejetos humanos (fezes e urina). Caso não houvesse a possibilidade de se jogar na rua os restos de material orgânicos, buracos eram feitos em quintais improvisados nas residências dos indivíduos da época.

Para distanciar-se de toda essa desorganização social e estrutural, as elites paraibanas viam como saída a formação de sobrados, que possuíam uma função socioeconômica. Sendo assim, essa função social que representava esse distanciamento da rua, para áreas mais

¹⁰ É de grande importância lembrar e reforçar que esse movimento de Modernizar vinha em decorrência da República. Como Recife era a capital que mais possuía interligações com as outras áreas de influência, percebemos que a modernidade chega de forma rápida.

¹¹ **LerA Urbs: Doente Medicada** (A higiene na construção da Campina Grande 1877-1925), do Professor Giscard F. Agra, em que ele nos mostra o início de toda a concepção sobre a modernidade e suas políticas, não só no meio social, como também no panorama brasileiro.

isoladas, mostrava como era a realidade do meio urbano antes da vinda dos princípios modernizantes. Os sobrados significavam um refúgio de toda aquela realidade urbana suja, coberta de imundices e promiscuidades.

A busca da modernidade e progresso mudou todo esse panorama da “imundície” em alguns setores da vida urbana. A sanitização do corpo, e o cuidado médico institucional vieram a policiar o indivíduo paraibano em detrimento de sua higiene, e a higiene de seu Estado. Agora, mais do que nunca, a nação paraibana sentia-se na necessidade de modernizar, para ser exemplo e personificação do próprio progresso.

Uma personagem bastante interessante veio em minhas leituras sobre a modernidade na Parahyba nos anos de 1920: Cristino Pimentel, como nos mostra Fábio Gutemberg. Não irei me deter nessa personagem tão característica do contexto paraibano, porém ele mostrará como a modernidade e o progresso eram tão desejados por nossa sociedade. Cristino Pimentel era um cronista que residia na cidade de Campina Grande; suas crônicas mostravam um sentimento ansioso pela modernidade e progresso. Em toda sua longa trajetória de cronista, Cristino projeta Campina como uma cidade de futuro cosmopolita e futuro, sobretudo civilizado.

Porém, quando falamos nessa “busca pela modernidade e progresso” que tanto procuro enfatizar ao longo da minha narrativa, nos vem em mente: todo o povo possuía esse ideal de modernização? Quando falamos aqui em “povo” nos remetemos à ideia de toda a camada mais abastada da sociedade paraibana. O pobre, o mendigo, o trabalhador rural. Obviamente que, essa busca era encabeçada pela elite letrada paraibana, aqueles que realmente tinham o conhecimento benéfico da modernidade, deixando de fora a maior parte da população. Os mais abastados sentiam esses reflexos de uma forma impositiva, ou seja, eles seguiam aqueles ditames e conceitos sem mesmo saber o porquê, apenas absorviam, e seguiam a risca.

A mulher paraibana era uma das que recebia essas ideias modernizantes em seu cotidiano, seja na moda ou no jeito de se comportar perante a sociedade, mas foram condicionadas a agir de acordo com o que é verdadeiramente ser uma mulher moderna e civilizada. Como disse mais anteriormente, a mulher brasileira, em geral, durante toda sua vida era “treinada” para ser mãe, e propagadora dos ideais de modernidade (a higiene, e com comportamento, o amor à sua pátria). Tudo começava no meio feminino. Restringida sempre ao meio privado da casa e do lar, pouco se fazia presente no meio público, como trabalhadora e atuante na vida social e política da sociedade paraibana.

A vida da mulher paraibana, nesse momento, passa a ser também modificado, sua subjetividade passa a ser mudada e moldada através de alguns paradigmas pré-estabelecidos,

por essa sociedade agora dita como urbanizada. O *frenesi* da moda, da indústria cosmética passam a ser uma das formas de ressignificar o corpo feminino. Porém, não irei me prolongar na discussão da vida feminina, e os reflexos da modernidade em seu cotidiano, isso porque iremos debater com mais afinco nos capítulos subsequentes.

O maior intuito nesse primeiro capítulo é mostrar ao leitor como estava o contexto histórico pelo qual decidi ter como tema de minha dedicação. Para que possa dar início ao que iremos tratar mais á frente, permitindo ao leitor maior compreensão do trabalho exposto.

Sendo assim, vemos uma sociedade em plena transição: do tradicional ao moderno. Uma sociedade que pretende extinguir qualquer resquício de atraso e de um passado monárquico. A vida social, a partir de então, deve ser pautada na busca do moderno e do progresso, uma sociedade urbanizada, maquinizada e á cima de tudo industrializada.

CAPITULO II

O CORPO FEMININO MODELADO

2.1 – Corpo Feminino: Modelando-se através dos tempos.

A mulher, no Brasil, colocava-se em subordinação à figura do homem, sendo fruto de um passado estritamente imperial que tinha o sexo masculino como figura central da sociedade. Podemos nos deparar com essa questão mais nitidamente quando nos reportamos ao século XIX, e a formação da família do senhor do engenho, bem colocada em **Sobrados e Mucambos**, de Gilberto Freyre, onde o mesmo enfatiza a formação da sociedade açucareira patriarcal.

O senhor de engenho não apenas se detinha as questões relacionadas com a agricultura e processamento da cana-de-açúcar, como também era ele o centro familiar. Como nos mostra Manoel Correia de Andrade, a figura da mulher se limitava ao meio interior da casa, em que “as mulheres viviam enclausuradas nos aposentos, e as cozinhas cheias de trabalhadores, escravos ou não”¹².

O Brasil teve por característica ser um país de sociedade patriarcal, em que o senhor de engenho possuía poderes sobre seus familiares e escravos. O papel que o senhor de engenho desempenhava era de umrei em suas terras, dando diversas ordens não só para seus escravos e empregados, mas para todos aqueles que estavam sobre sua tutela, incluindo mulher e filhos. Sendo assim, pode-se perceber nesse período, que vai do final do século XIX ao início do século XX, que a mulher não tinha destaque na sociedade, vivendo à margem e restrita ao sistema privado da casa e do lar.

No início do século XX, a mulher começa a ganhar maior visibilidade. Porém, ainda continua restrita ao âmbito do privado, pois na rua haveria o risco de ser considerada uma mulher de honra duvidosa. Como minha maior pretensão é problematizar o corpo feminino, é de grande importância se pensar na questão da honra e seus impactos na sociedade, e de como isso implicou no comportamento de muitas senhoras e senhoritas da época.

O que se esperava da mulher nesse momento era sua total subordinação à figura do pai e/ou marido, sendo o mesmo o rei da casa, representando o Estado e a Igreja. Além do mais, tinha-se em mente que a mulher desse período teria que exercer sua função de esposa e

¹² ANDRADE, Manoel Correia **Gilberto Freyre – E os grandes desafios do séculoXX.**

procriadora, transmitindo aos seus filhos valores e morais éticos, dando a mulher, “a potência civilizatória atribuída a mãe”¹³.

A honra e a moral sexual das mulheres era algo que envolvia a reputação da família, “a autoridade paterna privada, a integridade individual ou patrimônio familiar”¹⁴. O crime contra a honra de uma mulher não só eram crimes contra a pessoa, mas, também, contra a segurança e honestidade das famílias. Uma moça realmente honrada estava sempre sendo vigiada por alguma figura masculina, seja o marido, caso fosse casada, ou o pai, no caso das solteiras; seus atos e pensamentos deveriam ser sempre previsíveis, tendo suas vidas pautadas no âmbito privado e a rua como grande mal à sua reputação.

A reputação era tão levada a sério na vida de uma moça que, como nos mostra Michelle Perrot, “a suspeita persegue-a em seus movimentos, a vizinhança, espiã de sua reputação, até os seus criados a espreitavam, ela é escrava mesmo em casa, que lhe designa salão”¹⁵.

Porém, essas associações das concepções sobre espaço público e privado estavam mais evidentes nas atividades das mulheres da elite. As mulheres que precisavam trabalhar como empregadas domésticas não tinham a mesma proteção e possuíam duas distinções: aquelas de “casa”, moças inexperientes, muito mais controladas; e aquelas que seriam “de fora”, implicitamente não virgens e que teriam a vida social nas ruas. Sendo assim, muitas mulheres que faziam serviços domésticos nas “casas de família”, ou lavando roupas para fora, tinham maior exposição aos espaços públicos e ficavam sob suspeita de “prostituição clandestina”.

Sendo considerada incapaz de tomar qualquer decisão, a mulher vivia a depender da permissão de alguém do gênero masculino. Tida como menos racional que o homem pela sociedade da época, a mulher seria um ser quente que frequentemente tenderia ao desequilíbrio e, como resultado, seu corpo predominaria mais que sua mente. Então, com tais concepções vemos que o corpo feminino passa a ser reprodutor e reforçador do machismo, sendo coordenada por ditames e conceitos que demonstravam o poderio masculino sob os corpos femininos.

Com a construção do conceito de urbanização e os conceitos de modernidade e progresso da nação, ainda incipientes, incitados pelo início da República, o panorama feminino no Brasil passa a ser modificar gradativamente. “A herança do colonialismo e da

¹³ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História - Operários, Mulheres, Prisioneiros.**

¹⁴ CAULFIELD, Sueann. **Em Defesa da Honra – Moralidade, Modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**

¹⁵ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História - Operários, Mulheres, Prisioneiros.**

escravidão tinha que ser substituída pela modernidade”¹⁶, significando então que haveria a necessidade da transformação da mulher em máquina de fazer filhos mas, sobretudo, *cidadãos* soldados, para o bem da pátria. Apesar da vinda dos conceitos de modernização e a urbanização, o papel da mulher ainda estava vinculado com o de mãe. Mas que mãe seria essa? É o que nos fala Mary Del Priori:

Mas qual mãe? A “Nova”. Não bastava gerar filhos. Era preciso ser educadora e dirigente moral da sociedade, era preciso pensar que o Brasil necessitava de exércitos, de braços fortes. A “nova mãe” possuiria sentimentos cívicos.¹⁷

Porém, o crescimento da vida urbana, durante a chamada *Belle Époque*, aumentou, consideravelmente, a visibilidade das mulheres sozinhas. Elas começaram a se conscientizar da necessidade de educação, de sair mais para os passeios nos parques, ou até mesmo para as compras. A mulher nesse momento deixa de se restringir unicamente ao ambiente privado, para ser conhecida no ambiente social e público. Aos poucos, passaram a penetrar nas esferas de vida até então, reservadamente masculinas. Como afirma Hobsbawn, as mulheres das classes médias e burguesas foram as que iniciaram esse movimento de saída da via privada para a pública:

Seus membros eram predominantemente das classes médias e sua identificação com a burguesia e em particular com o liberalismo burguês, cuja extensão ao segundo sexo defendiam, dava-lhes a força que possuíam e determinavam suas limitações.¹⁸

As cidades urbanizadas e modernizadas, como o Rio de Janeiro, tornam-se um espaço que passa a possibilitar a emergência de uma nova mulher, sendo ela o que uniria a percepção de uma mulher moderna e sedutora, apontando para características ainda mais femininas do gênero. Uma nova imagem da mulher estava sendo construída, ao passo do progressivo deslocamento do ambiente doméstico para o espaço público.

As mulheres passam a transfigurar em seus corpos ideias relacionadas à sensualidade e sedução. A mentalidade masculina é afluída por sentimentos de mistérios e atratividade por essa nova mulher, sendo recorrentes no fetichismo do homem; ou seja, engloba tanto um ideal como o gosto erótico masculino sobre a mulher moderna:

Na imaginação do homem do início do século, a carnalidade dessas figuras femininas fazia com que elas surgissem, aos seus olhos, como deusas

¹⁶ PRIORI, Mary Del. “**Histórias e Conversas de Mulher**”. 1.e.d - São Paulo: Planeta, 2013

¹⁷ Idem;

¹⁸ HOBBSAWN, Eric. In: **A Era dos Impérios 1875-1917**. “A Nova Mulher” Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

conquistadoras que passavam a ocupar um novo lugar na sociedade masculina¹⁹

No decorrer da narrativa dessa mulher moderna e urbanizada, é que muitas vezes vemos a erotização de sua figura; vistas como transgressoras, indomáveis e misteriosas. O cotidiano urbano e moderno torna essa mulher dotada de jogo de sedução e, ao mesmo tempo, romantismo.

Porém, por outro lado moças “inocentes” e “de respeito”²⁰ ainda não podiam andar pelas ruas da cidade atraindo os olhares masculinos sobre os seus corpos. E ainda não podiam andar desacompanhadas e deviam agir segundo as regras estritas no caminhar e no comportar. Havia muito desse discurso conservador, bem semelhante daqueles que narrei no início desse capítulo, para que se pudesse hesitar em chamar atenção para o olhar transgressor ao corpo feminino. Assim, em muitos anúncios e publicações da **Revista Era Nova** dos anos de 1921 a 1922 podemos ver essa mulher ainda tímida para com a modernidade, com olhares ainda mais angelicais e meigos, sem muitas insinuações para algo avassalador e sedutor. É somente em 1923 que vemos retratos de mulheres com olhares mais ousados, deduzindo uma maior abertura para o erotismo feminino.

Quando me veio em mente pensar na mulher paraibana desse período, a figura da professora Anayde de Beritz se fez presente, dotada de um modo inovador de agir, diferentemente das mulheres “sérias” da época. Conhecida por ter sido a amante do assassino de João Pessoa, João Dantas, Anayde traz em sua ressignificação a essência de uma mulher moderna.

Passando a cortar seu cabelo à “*garçonne*”²¹, corte mais comum em mulheres de má fama, ou como se chamava na época, “mulher dama”, Anayde causa estranhamento e burburinhos na sociedade paraibana da época. É o que nos mostra a professora Alômia Abrantes, em sua tese de doutorado, ao contar um pouco da personalidade de Anayde:

Assim, vai dando cores a um cenário triste, de onde procura, em rápidas aparições fazer Anayde surgir “cintilante”, desafiando as agruras do contexto em que crescera. Dá informações principalmente da vida escolar da ‘talentosa’ professora, que sendo a mais jovem da turma, formara-se na Escola Normal em 1922, com 17 anos(...) ²²

¹⁹ OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera. **O Moderno em Revistas – Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930.**

²⁰ Termos utilizados para as moças que ainda se detinham ao ambiente privado da casa e do lar, sob a tutela dos pais.

²¹ Expressão francesa que significa corte de cabelo masculino.

²² Fragmento de texto retirado da tese de doutorado da professora Alômia Abrantes, em que a mesma nos relata suas leituras feitas pelo político e escritor José Jofilly em seu livro **Anayde: Paixão e Morte na Revolução de 30**, publicado em 1980.

Na Paraíba, como mostramos no capítulo I, a modernidade não estava a encaminhar-se da mesma forma, se compararmos com as manifestações modernistas ocorridas no Rio de Janeiro. A maioria das mulheres ainda vivia naquele estilo de vida pautado na vida pacata e reclusa ao meio privado; não era como no período Imperial, mas ainda víamos resquícios desse panorama. Por isso que o comportamento de Anayde veio a chamar tanta atenção, com suas roupas, seu corte de cabelo e seu modo de agir.

Como podemos perceber, as mulheres modernas, da virada do século XIX para o século XX, tinham em mente maior liberdade corporal. Ela passa a prestar mais atenção em questões como sua educação, seu emprego, seu sucesso como mulher moderna. Sua submissão à autoridade masculina passa a ser diminuída, porém não completamente extinta. Agora, é o homem que será submisso a ela, ou melhor, o homem será submisso à beleza que ela produz, à sua arte da sedução do mistério e do erotismo.

2.2 – A Arte de Embelezar-se – Mulher e sua beleza sedutora.

Como venho mostrando no decorrer desse segundo capítulo, a mulher no início do século XX vem mudando sua forma de ser em decorrência de políticas que passaram a ser vigentes na época, como é o caso da vinda da modernidade. Essa nova mulher estava a se reinventar graças ao descolamento do meio privado do lar para o meio público, onde apenas os homens tinham maior presença.

O início do século XX, no Brasil, é marcado por um momento de ascensão da classe média, sendo assim, para as mulheres ampliavam-se as possibilidades ao acesso à informação, lazer e consumo. As confeitarias, avenidas e outros espaços passaram a ser o palco dessas mulheres belas, que estavam disponíveis aos olhares masculinos. A sensualidade era uma de suas marcas principais, em que seus olhares misteriosos mostravam deusas conquistadoras e sedutoras. A mulher moderna passa a despertar o erotismo masculino, em que os homens a desejavam. O gênero feminino, nesse momento, passa a ter em seu corpo um novo estilo, de uma imagem que provoca novos estímulos para a modernidade, ou seja, um modelo de beleza que trazia consigo a representação de feminino moderno e a suavidade das belezas parisienses. Em anúncios pesquisados na **Revista Era Nova**, vemos esse modelo de beleza partindo dos pressupostos parisienses, principalmente se levarmos em consideração os concursos de beleza recorrentes nos anos de 1922.

As revistas, como era o caso da **Fon-Fon** no Rio de Janeiro, mostravam esse panorama da sociedade urbanizada que estava a ser formar. A imagem da nova mulher aparecia como

uma imagem-espelho da cidade moderna: “a mulher e a cidade representavam uma feminilidade objetificada, mercantilizada”²³, despertando assim, um espetáculo atraente e erótico. Imagens que evocavam uma fala de amor e misticismo de uma mulher desconhecida, pronta para despertar nos homens paixões avassaladoras e amores incertos.

Como a **Revista Era Nova** será minha fonte de pesquisa, procurarei na mesma, mais centralmente nos anúncios de beleza, essa mulher que tende a despertar sua beleza unindo as ideias de embelezamento e sensualidade com as de progresso e modernidade. Porém, deixarei para aprofundar-me nesse discurso no decorrer do terceiro capítulo do trabalho, em que problematizarei a mulher e seu cotidiano visto pela ótica da beleza e da indústria cosmética.

Há muito tempo entendemos que a arte e beleza estão para a mulher assim como a força está para o homem nas culturas ocidentais. Sendo assim, o embelezamento está intrinsecamente vinculado com a identidade feminina. Como nos mostra Denise de Sant’Anna, “a preocupação com o embelezamento feminino faz parte de uma história que contém tanto do supérfluo quanto do indispensável”²⁴.

A modernidade trouxe para o Brasil, assim como para todo o mundo, um avanço no desenvolvimento da medicina e da ciência, como pude expor no primeiro capítulo desse trabalho. As regras de beleza misturavam-se com os ditames da higiene e desodorização do corpo, cuidados que enfatizavam as unhas a pele os cabelos, os olhos, fortalecendo a cultura do espaço e cuidado íntimo feminino, em que o corpo da mulher passa a ter grande destaque. Sendo assim, a indústria da beleza começa a crescer deliberadamente, como nos fala Georges Vigarello:

Criou-se um mercado, unificando a beleza como objeto primeiro: expressões novas de ‘produtos de beleza’ e ‘cuidados com a beleza’, compromisso mais prementes com a publicidade, difusão mais extensa com ‘grandes magazines’. Uma oferta totalmente redefinida, organizada, diversificada se instalou irreversivelmente.²⁵

Ainda reportando-me aos discursos de Vigarello sobre o corpo e o ato de embelezamento, onde o mesmo nos fala que “o corpo embelezado não é apenas dirigido aos cuidados do rosto ou ainda aos banhos adelgaçadores, e sim a aplicação corretivos precisas, a massagem, a intervenções topológicas variadas”²⁶ se pode entender que o corpo da mulher

²³ Oliveira de, Cláudia; Velloso, Monica Pimenta; Lins, Vera. “O Moderno em Revistas- Representações do Rio de Janeiro de 1890 á 1930”. – Rio de Janeiro: Garamond, 2010

²⁴ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Políticas do Corpo

²⁵ VIGARELLO, Georges.

²⁶ Idem;

passa a ser regulamentado pelos ditames da beleza, não apenas em seu rosto, como também em todo o seu corpo mudando até mesmo suas características.

A indústria cosmética foi uma das “aliadas” para esse sucesso do “embelezamento” feminino. Os novos “remédios” para a beleza são trazidos como uma das maiores novidades no mundo moderno e feminino no país urbanizado:

Um enorme ‘mercado da beleza’ se constituiu. Isso estende sempre mais o tema do artifício, banalizando com o fim do século a imagem de uma beleza construída, sempre menos definível fora da moda e das convenções.²⁷

O mercado da beleza deixa as mulheres ainda mais dependentes da indústria cosmética e dos medicamentos que possibilitariam a obtenção da beleza desejada. Sendo assim, senhoras e senhoritas ficavam enlouquecidas com a quantidade de produtos que poderiam trazer esse embelezamento. Com isso, o mercado da indústria cosmética passa a ter um consumo exacerbado, colaborando para a evolução do capitalismo, ou seja, a modernidade trouxe consigo, também, o grande movimento capitalista.

O cotidiano doméstico dessa nova mulher modernizada ganhava novos valores de consumo, nunca antes observados no Brasil. A mulher precisava ter consigo certos produtos de beleza que começavam a demonstrar a forma do mercado industrializado. No Brasil, pequenas oficinas domésticas produziam cremes e pós do rosto, perfumes e produtos de beleza, como é o caso da maquiagem em geral.

Os cosméticos serviam como “saídas alternativas” para aquelas mulheres que não possuíam a beleza desejada. A “falta de beleza” era (e ainda continua), sendo considerada um doença, tratada com medicamentos que “curariam” a mulher dessa “dor”. A “Beleza Natural” deveria ser algo da “Natureza Divina”:

A beleza se opõe às qualidades de espírito confirmando e atualizando o secular dualismo entre corpo e alma. De todo modo, idolatra ou ferozmente criticada, ela é concedida, em grande medida, como sendo uma doação da Natureza Divina. As razões da beleza tendem a permanecer envoltas por mitos e gestos divinos.²⁸

Entretanto, o ato de embelezar-se era, para muitas mulheres, considerado como algo que não condizia com uma moça de boa moral, isso porque as “senhoritas de boa moral” deveriam primar pela modéstia e simplicidade, em que o “embelezasse” deveria se limitar a situações extraordinárias e não algo corriqueiro.

Os manuais e revistas de beleza tornaram-se “livros de cabeceira” da mulher moderna. Os conselhos de beleza traziam, em suas mensagens, a suavidade e o prazer que a mulher

²⁷ VIGARELLO, George. **História da Beleza**

²⁸ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do Corpo**

deveria ter com o seu corpo. Esses manuais eram escritos pelos profissionais da área que estavam a se formar no meio desse mercado embelezador, reforçando a necessidade de se manter bela o dia todo e mais atenção nas regras de beleza.

Nasce para a mulher no início do século XX, com o objetivo de unificar a questão do embelezamento como a feminilidade, a indústria cosmética, trazendo consigo o ideal dos “cuidados de beleza”. Os cosméticos passam a ser incorporados com a ideia de “produtos de beleza”: “cremes, maquiagens, águas de toalete, sabonetes, dentríficos, pós diversos em torno de um mesmo objetivo: ‘cuidados do corpo e do rosto por novos processos e novos produtos.’”²⁹

A cosmética tinha cada vez mais sua evolução. “A depilação das sobrancelhas, a pintura dos olhos e dos lábios, a coloração das maçãs do rosto, o revelo dado á frente atestavam uma nova representação da mulher”.³⁰ As maquiagens se configuravam em variadas preparações que tinham como intuito esconder as “imperfeições” dos rostos femininos, sendo comparados a máscaras que vinham a esconder a verdadeira face feminina.

Porém, esses ditames da beleza não eram acessíveis a todas as mulheres modernas. As mulheres que possuíam acesso a esses tipos de informações sobre a beleza, eram apenas aquelas da classe média a classe alta, que tinham o poder monetário de comprar as maquiagens e artificios que possuíssem dom de mudar suas imperfeições. Mulheres pobres (empregadas domésticas, ex-escravas, operárias nas indústrias) não tinham como adquirir esses produtos que a indústria cosmética oferecia; poderia ter alguns poucos produtos, mas nada que não se restringisse a “águas de cheiro” ou sabonetes para sua higiene pessoal. O mercado da beleza não era acessível a todas. Então será que ser bela não seria algo para todos? O embelezamento não deveria fazer parte do cotidiano de todas as mulheres? Vemos que no caso das mulheres mais pobres a questão é negativa.

Os espaços íntimos das mulheres da elite brasileira se transformavam, para que pudessem receber os novos utensílios do embelezamento. O banheiro ou o quarto, espaços íntimos desde suas formações, passam a ser lugares em que a prática do embelezamento é recorrente. Com isso, entendemos que o embelezamento passa a ser um ato em que a mulher fica restrita ao conhecimento do seu corpo na intimidade de seu cotidiano. O espelho também se configurou em ser um utensílio que colaborasse com o embelezamento, em que a mulher passa a vigiar-se atenta ao seu corpo diante do espelho.

²⁹ VIGARELLO, Georges. “História da Beleza”.

³⁰ PRIORI, Mary Del. “Histórias e Conversas de Mulher”. 1.e.d.- São Paulo: Planeta, 2013

A maior pretensão no ato de embelezar-se passa a ter como intuito maior “corrigir as deformações do nariz, das orelhas, dos lábios, das maçãs do rosto”³¹, com isso obtendo o rosto perfeito, as formas perfeitas. Corrigindo tudo aquilo que seria visto como “doença” e motivo de vergonha e desprezo, a mulher teria sua aceitação na sociedade moderna.

Como pude perceber no decorrer de minhas leituras sobre a mulher, a sedução era um dos principais motivos para o embelezamento feminino; chamar a atenção masculina é (e ainda continua) sendo um dos principais elementos motivadores para as mulheres, neste sentido. A afirmação do uso visível do cosmético como elemento representativo da modernidade trouxe para a mulher moderna o papel de espetáculo e sedução. As mulheres pretendiam se mostrar misteriosas, chamando a atenção do sexo oposto com a sua beleza produzida. Porém, se pensarmos bem no ato do “embelezamento” e, conseqüentemente, na indústria cosmética, vê-se que ser bela não seria algo acessível a todas as mulheres. Apesar dessa “nova mulher” querer se ressignificar através da indústria cosmética.

Ser mulher é se ressignificar a todo o momento, é buscar no moderno uma solução para libertar-se do meio privado, e estender seus conhecimentos ao meio público. Essa mulher irá encontrar no ato de embelezasse uma forma de se conhecer e conhecer o seu corpo. Mostrando ao mundo o poder que ela tem seu poder de encantar, de seduzir de se amar. É na modernidade que ela mostrará sua evolução, se permitindo muito mais que antes.

No terceiro capítulo irei mostrar através da **Revista Era Nova** como os anúncios da cosmética brasileira motivaram a mulher paraibana em seu ato de embelezar-se; como o seu corpo foi utilizado pelo discurso modernista e progressista na composição do ideário de beleza e sedução feminina.

³¹ Idem;

CAPITULO III

A mulher paraibana representada pelas propagandas de cosméticos na “Revista Era” Nova

3.1 As Revistas e o Panorama modernizante brasileiro.

As revistas, como é o caso da **Era Nova**, traziam para o panorama brasileiro ares de modernidade e progresso. Se pensarmos no Rio de Janeiro desse momento, podemos imaginá-lo através das revistas como a **Fon-Fon**, com suas ruas repletas de intelectuais, poetas e pintores, que se agitavam, pensavam e discutiam. A cidade do Rio de Janeiro, assim como tantas outras do Brasil (como é o caso de Recife no Nordeste do país), estava a passar por transformações modernizadoras, orientadas pelos modelos parisienses, incluindo grandes avenidas e demolindo pequenos sobrados que se formaram nos centros, desde instauração da República. Articuladas de forma que possa trazer à vida cotidiana os signos da modernidade e progresso, as revistas terão a capacidade de intervenção rápida e eficaz, caracterizando-se como “obra em movimento”, como nos fala Monica Pimenta Velloso em seu texto “As distintas retóricas do moderno”, retirado do livro **O Moderno em revistas- Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**.

Como a autora nos mostra, as revistas da época são marcadas pela sua escrita dinâmica e reflexiva, distinguindo-se do jornal, pois a mesma tem uma maior relação específica com a temporalidade e com o contexto que estava se modificando. Já os jornais não dariam conta dos múltiplos papéis e funções exigidos pelas políticas modernizantes, por isso, as revistas tornam-se atrativos para a sociedade da época.

Tendo como objetivo mais amplo abarcar todas as questões relacionadas às mudanças que a modernidade vem trazer à sociedade brasileira, as revistas compõem pontos de encontro de itinerários individuais, que se reúnem em torno de uma ideia em comum: a formação de uma sociedade moderna e que tinha em mente o progresso e valorização da nacionalidade brasileira, aos moldes da época. Partindo desse ponto de vista, na análise das revistas do século XX, podemos dizer que as mesmas nos fornecem um lugar de memória que nos possibilita pensar o movimento das ideias modernizantes que conformavam a época.

As revistas da época contemplavam os símbolos e estratégias das práticas e representações do moderno. Porém, quando pensamos no moderno nas revistas brasileiras do início do século XX, podemos dizer que esse conceito é bem amplo e cheio de controvérsias. Pois, se associarmos as materialidades das conquistas científico-tecnológicas ao

desenvolvimento do processo urbano-industrial, também podemos relacionar o moderno nas esferas das representações.

O que faz lembrar do conceito de representação trazido por Chartier, quando ele nos fala que “no primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através de sua substituição por uma imagem capaz de reconstruir em memória e de figurar tal como ele é.”³² As representações que o contexto da época se fazia valer, eram das urgência de construir um modo de ser nacional, sendo capaz de traduzir o pensamento brasileiro e sua ordem civilizatória local.

As revistas semanais traziam em suas páginas ilustrações do cotidiano moderno, dando conselhos e sugestões de comportamento, piadas e lazer. Buscando assim a cumplicidade e envolvimento do público leitor, as revistas do século XX, como é caso da **Era Nova**, pretendem trazer para os leitores os signos que representassem a modernidade com o qual o Brasil estava a passar. As revistas literárias demonstram suas ideias relacionadas com a brasilidade e a modernidade, partindo de um diálogo com as vanguardas europeias. Sendo assim, as revistas traziam para o contexto moderno um papel estratégico para a cultura modernista, passando a expressar e posicionamentos críticos diante da situação do processo modernizador:

De forma vibrante e divertida, as revistas comunicam o que é ser moderno: como proceder, reagir, pensar e sentir, situando os leitores na correnteza viva dos acontecimentos e na vida mental da metrópole. É uma estratégia comunicativa que vai se inspirar em tradições compartilhadas pela cultura cotidiana. Além do forte apelo à visualidade moderna – gravuras, desenhos, caricaturas e fotos –, essas revistas contêm um expressivo apelo à oralidade.³³

Outra questão de grande importância quando tratamos as revistas do século XX, é pensarmos que elas foram de importância na transformação dos hábitos das camadas populares, levando em consideração os impactos que suas publicações possuíam na composição do seu dia-a-dia. Mesmo não tendo o acesso à leitura e a escolaridade, como as elites possuíam, esses grupos populares eram influenciados pelas imagens publicitárias, desenhos, mapas, gravuras passando a integrar de uma “pedagogia moderna”.³⁴ A função primordial que as revistas possuíam era de operacionalizar a ideia de moderno, com a proposta de familiarizar o público leitor das novas coordenadas temporais. Sendo assim, as

³²CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Prática e Representações**.

³³OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera. **O Moderno em Revistas – Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**.

³⁴OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera. **O Moderno em Revistas – Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**.

revistas eram consideradas como grandes atrativos para a modernidade, buscando marcar a sintonia do moderno, dialogando com a pluralidade das culturas, atores e sentidos sociais. Porém, como o foco principal do meu trabalho é problematizar a mulher moderna, trabalhada a partir dos anúncios da **Revista Era Nova** dos anos de 1921 a 1923, é de grande importância explicar de que forma essa mulher chega nas revistas e de como ela tem sua vivência relacionada com a ideia de modernidade e progresso.

É através da “Literatura de aconselhamento” que surgem as formas práticas de agir nesse ambiente moderno: como proceder, instruções de higiene com o corpo, os primeiros cuidados médicos no caso de alguma epidemia, receitas culinárias, cuidados com o modo e beleza e tantas outras formas de aconselhamento para se viver em um ambiente moderno. Sendo assim, é perceptível que um dos públicos alvos desse discurso nas revistas são as mulheres. Verdadeira protagonista da modernidade, a mulher vem ganhando espaço nas fotos, desenhos e caricaturas. Ela ganha o espaço público urbano, sendo vistas em banhos de mar, passeios na avenida, chás e sorveterias.

As mulheres passam a ganhar espaço expressivo nas publicações; nas sessões de receitas, cartas e folhetins. Observa-se que as novelas tinham grande impacto sobre as mulheres leitoras, pois se envolviam suas vidas cotidianas na trama dos acontecimentos dos romances.

A mulher moderna era vista nas imagens, das revistas, como aquela que vive contrariamente ao âmbito doméstico denominadas “anjos do lar”. Essas imagens traziam mulheres que, de fato, parecem desfrutar do prazer de andarem nas ruas; mulheres que participam do espaço público e transformam as ruas em espaço para exibir suas figuras modernizantes. Por outro lado, estas imagens de propagandas reforçavam uma construção imaginativa, pela qual a venda de produtos estava aliando a sedução feminina com o consumo. “O corpo feminino, suas formas e sua sensualidade eram evocados na construção de uma iconografia popular que vinculava a imagem do produto à imagem da mulher.”³⁵

Imagens que traziam estas figuras de jovens mulheres se adornando, posando com seu charme físico, nas propagandas das revistas, enfatizavam a relação entre a mercadoria e a fantasia em torno da imagem de uma mulher produto. Discursos como esses eram bastantes presentes nos propagandas relacionados aos produtos de beleza, como é o caso da cosmética e artifícios para se obter a beleza moderna. Entretanto, a mulher passa a ser escrava de uma cultura feminina que depende do consumo e da mercadoria.

³⁵OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Monica Pimenta e LINS, Vera. “O Moderno em Revistas – Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930

As revistas, como é o caso da **Era Nova** do início dos anos de 1920, traziam uma mulher moderna que passava a exibir o prazer de participar da economia ocular da cidade moderna, que descobriam e marcavam seus caminhos nos diversos lugares das cidades; mulheres que propiciavam os olhares alheios, que se colocavam “à mostra”. Percebemos que as mulheres do século XX passam a ter outra consciência de si, como resultado das reformas urbanas e sociais modernizantes, que possibilitaram a exposição e sua inserção social.

E foi justamente nesse ponto que as revistas vieram a colaborar no cotidiano feminino do século XX, a mudança de um ideário de si, vista agora aos moldes da sociedade moderna e que marcavam seus caminhos no meio público da cidade.

3.2 A “Revista Era Nova”: vitrine dos corpos impressos.

Tendo seu início no século XX, a **Revista Era Nova** tinha por característica ser um periódico quinzenal que nos demonstrava seu aspecto “literário e noticioso”³⁶, passando a ser referência importante na história da imprensa paraibana desse período. Surgida em Bananeiras, como um projeto do literato Severino Lucena, pouco tempo depois esta passa a ser editada na Parahyba do Norte, circulando entre os anos de 1921 a 1926, em que possui grande contribuição de intelectuais de diversas regiões, como é o caso de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Tinha como colaboradores os doutores Américo Falcão, Flávio Maroja, Carlos D. Fernandes, Álvaro de Carvalho, Octávio Soares, Manuel Tavares, Pedro Anísio, Alcides Bezerra e tantos outros que vieram a ser presentes nas publicações da revistas.

Em suas publicações a revista nos mostra retratos de homens e mulheres de inúmeras idades, prevalecendo, porém, mulheres e homens jovens, que nos possibilita identificar aspectos da prática da criação de si através do corpo, ou seja, uma “fabricação do corpo”, a partir dos anúncios da revista. Em seu artigo “Imagens de si: Inscrições de Corpo e de Gênero nos Retratos” da **Era Nova**, a professora Alômia Abrantes nos traz que a revista “pode ser considerada uma precursora dessas práticas na imprensa brasileira.”³⁷

³⁶ Expressão retirada do artigo da professora Alômia Abrantes, intitulado de “Imagens de si: Inscrições de Corpo e Gênero nos Retratos da ‘Era Nova’ (1920)”. Em que a mesma procura analisar as pictografias das fotografias de homens e mulheres que estão expostos nos anúncios da revista.

³⁷ Idem;



Figura 1: Senhorita Alice de Santa Cruz, residente da cidade de Alagoa Grande. *Era Nova*, 01/11/1922

Percebe-se que a revista era direcionada ao público leitor que pretende evocar as perspectivas de uma sociedade moderna. A **Era Nova** inicia na Paraíba o clima eufórico da *Belle Époque*, abrindo as novas possibilidades nas ilustrações de jornais e revistas, em que se faz presente o uso da imagem fotográfica no acesso a modernidade. Com a emergência da urbanização e do expansionismo moderno, são recorrentes nos anúncios e propagandas da **Era Nova** signos que nos fazem lembrar da conceituação do moderno.

Porém, como meu propósito é analisar as fontes a partir dos anúncios de beleza, irei dialogar, na tática de análise documental, com Denise Sant’Anna e George Vigarello, para assim, entender melhor o processo de embelezamento da mulher paraibana. Iniciarei a problematização da mulher paraibana vista aos olhos da cosmética, a partir do ano de 1921, ano em que a **Era Nova** começa a ter sua circulação em território paraibano. Percebo que a revista utiliza-se de recursos visuais bastante chamativos em suas propagandas, como é o caso da empresa “KODAK” (figura 2) que chama o leitor com a imagem de duas mulheres: uma está a segurar a máquina fotográfica, enquanto a outra se deixa fotografar, e abaixo um discurso que nos diz: “A arte photographica tornou-se facilima desde appareceram as machinas KODAK. Qualquer pessoa pode obter optimasphotographias”³⁸.

³⁸ Fragmento de texto retirado da “Revista Era Nova” do ano de 1921, edição de 15 de novembro de, referente a empresa de máquinas fotográficas “KODAK”.

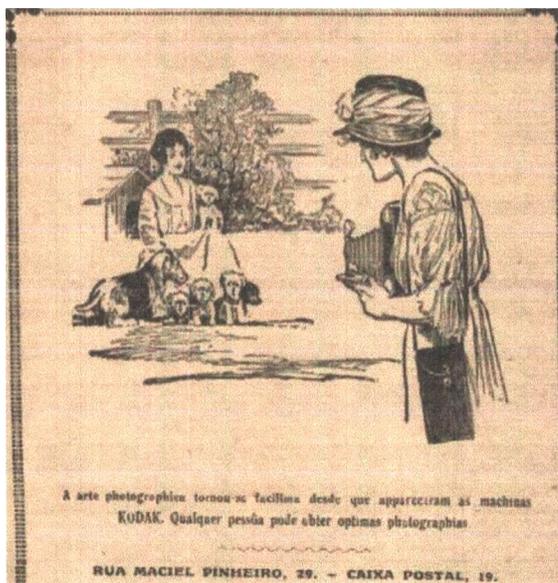


Figura 2: Propaganda das máquinas fotográficas “KODAK”. *Era Nova*, 15/11/1921

A *Era Nova* no ano de 1921 não nos mostra anúncios de produtos de beleza para as mulheres paraibanas. Vemos que o que nos mostra sobre a beleza paraibana no ano de 1921 são as frequentes fotografias das moças da região, em que aparecem logo na capade várias edições da revista, ou senão no decorrer das colunas sociais. Como é o caso da Senhorita “Mercília Fabricio, residente em Serraria.”³⁹ (figura 3), que nos mostra um semblante tranquilo de conformidade com sua vida cotidiana, talvez, voltada ao meio privado da casa de sua família.



Figura 3: “Mercília Fabricio, residente em Serraria”. *Era Nova*, 15/11/1921

³⁹ Imagem da senhorita Mercília Fabricio do ano de 1921 da edição de 15 de novembro.

Pela ausência de propagandas de produtos de beleza na “Revista Era Nova” do ano de 1921, pude questionar-me o motivo pelo qual a revista ainda não estava voltada para essa preocupação com o corpo feminino paraibano embelezado, a partir da ótica cosmética, desse momento. A mulher paraibana, nesse início do século XX, ainda estava em um processo de transição do meio privado para o meio público; sua inserção veio com menos velocidade, se compararmos com o ritmo das mulheres das capitais como Rio de Janeiro e Recife.

A mulher paraibana nesse momento ainda estava a permanecer reclusa no ambiente doméstico, tendo a casa e o cuidado com os filhos seu principal papel na sociedade. A beleza estava mais vinculada com a ideia de higienização do corpo, do que propriamente com a liberdade que a mulher tinha para com si mesma, na arte de embelezar-se. Sendo assim, a beleza ficaria mais no plano higiênico, com a aquisição de banhos e sabonetes, do que propriamente com a indústria cosmética, como é o caso das maquiagens e outros artifícios estéticos. O belo da mulher, nesse momento estava vinculado com a “beleza natural”. Embelezar-se demasiadamente colocaria em risco a moral das “moças de família”, sendo assim, os segredos de beleza eram vividos entre amigas, encontros exclusivamente femininos. Como nos mostra Denise Sant’Anna quando ela nos fala que:

“Nesses encontros, as receitas de beleza que passam através das gerações trocadas, os defeitos físicos dissimulados, as ilusões tecidas diante do espelho e com a cumplicidade das amigas. O registro desses momentos de intimidade e de segredo são, sem dúvida, raros. Eles estão dispersos nas canções populares, na literatura e nos diários íntimos.”⁴⁰

Por esse motivo, pude analisar, que a **Era Nova** dos anos de 1921, não nos mostra muito das “dicas de beleza” ou dos “artifícios de embelezar-se”, já que ainda havia receio para com a moral das senhoras e senhoritas paraibanas, o que não implica dizer que as mulheres daquele momento não se embelezavam.

Nos anos de 1922 a **Era Nova** começa a dar maior visibilidade à mulher paraibana. Isso porque são maiores as matérias de publicações que envolvem o público feminino, como é o caso das “Cartas de Mulher”. Uma das matérias que me chamaram mais atenção, quando estava a pesquisar o ano de 1922 na revista, foi a edição de primeiro de junho, onde a/o redator (a) (não específico se quem escreveu a matéria é um homem ou uma mulher, pelo fato de que abaixo vemos apenas a assinatura VIOLETA, subtende-se que seja um pseudônimo), nos mostra seu posicionamento diante dos ditames da moda daquele momento. Acompanhemos, então, a partir do fragmento de texto que pude capturar:

⁴⁰ SANT’ANNA. Denise Bernuzzi. **Políticas do Corpo – Elementos para uma história das práticas corporais**.

A moda, como a Phenis da lenda, renasce das propias cinzas, mais radiosa e mais gentil: renasce da moda que morre a moda que nasce. Renasce para novas funções de sedução, para novas missões de graça e beleza na terra. Mas as modas de agira evoluíram para formas tão impressionantes, que estamos a um passo da nudez paradisiana. E mais ainda: estamos ás portas da perdição, onde, si não regressarmos num heroico impulso de quem se quer penitenciar de graves erros, bem se lhe pôde ajustar a legenda de Dante ás portas do inferno...⁴¹

Percebemos, então, á partir desse fragmento de texto retirado das “Cartas de Mulher” uma iniciação com a preocupação da beleza feminina, não vista pela ótica da cosmética, como proponho neste trabalho, mas á partir da visão da moda. Interessante, pois nos é possível pensar na preocupação com a conduta feminina vista pela moda e beleza, em que o moderno vai mudando o “vestir” dessa mulher paraibana, a tornando propensa a perdição. A expressão “nudez paradisiana” chamou-me bastante atenção, também, pois nos mostra como o contexto feminino passa a ser modificado aos moldes de Paris, supondo a ideia da ascensão da modernidade na vida dessa mulher.

Em 1922 a revista nos mostra maior atenção com a beleza, iniciando uma busca para chegar à mulher mais bonita. Sendo assim, pude perceber na edição de quinze de abril uma matéria que tinha como pretensão encontrar a “mais bela”. Vejamos um pouco do discurso que a revista utiliza para persuadir na procura naquela que vem a ser a mais bela:

Qual a mais bella?

O Certame de Belleza

A esthese do povo parahybano se afirma, se apura e glorifica na eleição do typo máximo para o grande certame donde tem de sahira rainha de formosura nacional.⁴²

E prossegue sua narrativa dizendo:

A idéa já victoriosa dos nossos colegas *A Norte* e a *Revista da Semana*, do Rio, germinou e proliferou brilhantemente em todos os outros Estados, muitos dos quaes já julgaram mais perfeito exemplar se sua raça. Vê-se, assim, que a Parahyba não podia deixar adormir anestesiado o sentimento do Bello por uma inconcebível opinião egoísta e retrograda.⁴³

⁴¹ Fragmento de texto retirado da edição da *Era Nova* de 15 de abril de 1922, em que a matéria “Cartas para Mulher” direciona-se ao publico feminino, com o objetivo de conscientizar a mulher paraibana das novas formas de feminilidade á surgir com o advento da modernidade. Demonstrando os possíveis impactos que a modernidade trouxe para o cotidiano feminino.

⁴² Fragmento de texto retirado da edição da *Era Nova* de 15 de abril de 1922. Com a qual a metéria dos mostra a importância para encontrar-se a mulher paraibana mais bela, assemelhando-se com o que acontecia em outros Estados brasileiros.

⁴³ Idem;

A influência de outras revistas brasileiras se faz presente na composição do discurso para encontrar a mulher paraibana mais bela. A necessidade buscar “Bello” paraibano se faz presente numa consciência de nacionalidade, retirando a ideia de que na Paraíba não se possa achar uma moça genuinamente bela que se “mostre mais perfeito exemplar se sua raça”, o que nos faz lembrar da discussão com a qual explanei no primeiro capítulo deste trabalho, mostrando a formação do “Homem Brasileiro” trazida por Jerry Dávila.

Apesar dessa preocupação com a busca da beleza da mulher paraibana, não encontrei nenhum anúncio de propaganda cosmética, que viesse a atrelar a ideia de feminilidade beleza e indústria cosmética. A beleza ainda estava no plano da “beleza natural”, como um “dom divino”.

Em 1923 a preocupação com a beleza feminina torna-se ainda mais presente, principalmente nas matérias e colunas da revista. Uma das matérias que veio a chamar-me atenção foi a de vinte e três de maio de 1923, intitulada de “O Poder da Belleza”. Vejamos um pouco de como a revista trata esse ideário de beleza:

Phyné, diz a tradição, typo de beleza suprema, conseguiu de juizes severos e integros a absolvição inesperada por meio da astucia de seu advogado que, num gesto de audaz e singular eloquência, lhe arrancou o peplum, lhe desvelou as formas...! A filha da Hallade, convenceu, seduziu, fascinou com a plástica desnuda de suas prendas physicas; quebrou os élos fortísimos da justiça, exhibindo os contornos tentados de um collo perfeito, mostrando o colorido macio e próprio duma epiderme sadia, apresentando ás vistas deslumbradas de todas as perfeições excepcionaes com que a natureza lhe beneficiará!⁴⁴

Em 1923 a beleza vai ganhando novas acepções; o corpo feminino passa a ser mais apreciado e mais desejado, buscando a perfeição de suas formas, de sua pele. Na tentativa que encontrar uma “beleza suprema”. Assim, nesse mesmo ano a revista nos traz maiores exemplares de produtos de beleza para a mulher paraibana do século XX. Porém, as mais recorrentes publicações são referentes a duas empresas especializadas na cosmética feminina, que são a Perfumaria Reny e o creme de tratamento Pollah.

Os dois anúncios que irei tratar a partir de agora são da edição de primeiro de julho de 1923, onde os mesmos nos trazem discursos que levam a pensar na cosmética feminina partindo da perspectiva da busca e preocupação com o belo na Paraíba, aos moldes da modernidade.

⁴⁴ Fragmento de texto retirado de vinte e três de maio de 1923, intitulada de “O Poder da Belleza”, que mostra preocupação com a beleza feminina paraibana, que possa atender os pré-requisitos estipulados para a época.

O primeiro anúncio da **Era Nova** que teve acesso é referente à Perfumaria Reny (figura 4), em que a propaganda nos mostra uma mulher de cabelos curtos, com o olhar e semblante de confiança e persuasão. O que leva a pensar que aquela mulher que usar os produtos da Reny estará com essa mesma confiança e coragem de mostrar seu rosto limpo e embelezado, assim como nos mostra o discurso que a propaganda se faz valer, dialogando com a mulher paraibana afirmando que os produtos são “a mais eloquente afirmação do aperfeiçoamento da indústria nacional.”⁴⁵

A indústria cosmética da Perfumaria Reny mostra para a mulher paraibana seus diversos produtos, que irão proporcionar o bem estar com o corpo feminino ao “tratar-se” com os mesmos cosméticos. Dentre os produtos oferecidos para a mulher vemos a presença da: Pomada Reny, Pó de Arroz Reny, Loção Reny e a Água Balsâmica⁴⁶. Todos esses produtos oferecidos para garantir o bem estar do corpo da mulher, com o objetivo de medicalizar, higienizar e perfumar a mulher paraibana.

Sendo assim, a Perfumaria Reny trabalha com os produtos para atender as necessidades dessa nova mulher moderna que estava aparecer no panorama paraibano. Uma mulher que procura atrelar “a elegância com a vida ativa, a beleza com a fadiga, o trabalho, evocando um cotidiano feminino constituído por um ‘duplo aspecto’, traço característico da vida atual.”⁴⁷

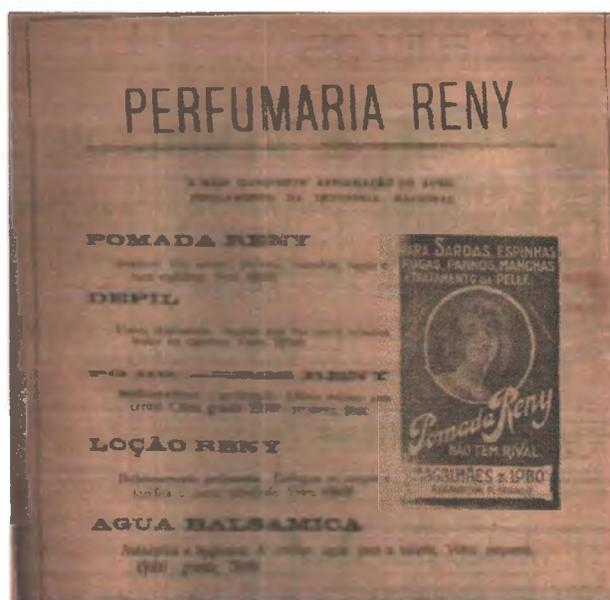


Figura 4: Perfumaria Reny. Era Nova, 01/07/1923

⁴⁵ Expressão utilizada pela indústria cosmética “Reny” que nos remete ao discurso utilizado pela indústria cosmética dos anos XX, para convencer as mulheres de seu uso benéfico.

⁴⁶ Produtos oferecidos pela “Perfumaria Reny” que pretende cuidar do bem estar feminino, não esquecendo da higiene e conforto da mulher moderna.

⁴⁷ Vigarello, George. “História da Beleza”

Reportando-me, agora, a cosmética trazida pelo creme Pollah (figura 5), vejamos o discurso que a indústria cosmética traz para a mulher paraibana:

A Graça e seducção podem ser obtidas e a velhiceretardada

A Belleza considera-se atingida sempre que se obtem uma perfeição, uma graça, que torne o rosto o conjunto harmonioso, e attrahente. Ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um productoverdaderamente útil com o 'POLLAH' corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.⁴⁸

A Graça e a seducção podem ser obtidas e a velhice retardada

A Belleza considera-se atingida sempre que se obtem uma perfeição, uma graça, que torne o rosto o conjunto harmonioso e attrahente. Ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um productoverdaderamente útil como o "POLLAH" corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.

UM EXEMPLO

Confesso que não fui generosa em relação aos cuidados com a minha pele, pois eu não me preocupava com os cuidados necessários e tive o desprezo de consistir em certa época que parecia mais feita do que realmente era. Procurando eu então corrigir as manchas, cravos, pelle aspera e desigual, um pouco facida, empreguei diversos tratamentos, sem conseguir o que desejava. Foi, entretanto, muito feliz, com o uso do creme "POLLAH", creme maravilhoso, não só para curar os defeitos, com para conservar e embelezar a pele, com a aplicação de todos os dias, vi desaparecerem as manchas, os cravos, a pele ficou mais unida, mais firme, mais esticada e adquiri uma cor rosada - as clara e uniforme.

Agora, com uma linda pelle, pareço suave, com o rosto muito mais attrahente, não dispensei o "POLLAH", como conservador da pele e o melhor creme de toilette.

María Pacheco - S. PAULO

66 POLLAH 99 POTE 12\$000

O Creme POLLAH encontra-se em todas as principais farmácias do Brasil.

Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, que contém todas as indicações para o tratamento e embelezamento da pele, a quem enviar o coupon ao lado aos representantes da

AMERICA BEAUTY ACADEMY

NOME CIDADE

RUA ESTADO

Figura 5: Creme POLLAH. Era Nova, 01/07/1923

Os avanços da cosmética trouxeram uma grande atenção ao mercado da beleza, passando a imagem de uma beleza construída, que propõe para a mulher paraibana o consumo de objetos massificados, com um discurso persuasivo influenciado pelos anúncios da imprensa. No discurso trazido pelo Creme Pollah, percebe-se uma atenção maior com o objetivo da sedução e da perfeição dos traços femininos, com o objetivo de esconder possíveis defeitos que venham a tirar a beleza da mulher paraibana.

O ato de embelezar-se estava ligado, também, ao ato da higiene pessoal da mulher: “aliados às preocupações higiênicas, inúmeros cuidados com o corpo tendem a ser tratados,

⁴⁸ Fragmento de texto retirado dos anúncios de beleza relacionados ao “Creme Pollah”.

unicamente, sob o prisma medicinal.”⁴⁹ E é justamente o que o Creme Pollah mostra quando diz que “ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um producto verdadeiramente útil.” O medo dos traços da velhice prematuros se fazem presentes nas preocupações das mulheres paraibanas. A modernidade traz consigo a agitação, a urbanização e o belo, por esse motivo a velhice feminina passa a ser repudiada. Com isso a indústria cosmética utiliza-se da narrativa e da proposta que pretende acabar com esses sinais tão indesejados pela mulher moderna paraibana.

Em 1921, como explanei, não se percebe na **Revista Era Nova** a presença da personificação do belo feminino na Paraíba, aos olhos da cosmética e do mercado da beleza, o que remete a pensar o fato da mulher paraibana, nesse momento, ainda está a viver sob o meio domestico e privado. É somente em 1922 que pode-se perceber o esboço do que seria o avanço do mercado da beleza na Paraíba, como por exemplo, os concursos de beleza para encontrar a mais bela personificação da mulher aos moldes da modernidade. Porém, é em 1923 que a **Era Nova** traz produtos de beleza que venham a acompanhar as necessidades dessa nova mulher moderna, que pretende trazer em seu corpo os traços da sedução e da juventude, tão colocados nos discursos da mulher moderna. Sendo assim, é possível constatar que a modernidade veio para a mulher paraibana em um ritmo pouco mais lento, se compararmos as mulheres da capital carioca. Enquanto as senhoritas cariocas, por exemplo, já esbanjavam sensualidade e modernidade em seus corpos, a mulher paraibana estava a se “ensaiar” nesse panorama. A mulher paraibana vista aos olhos da cosmética e do mercado do embelezamento, é visualizada quando a modernidade passa a ser mais presente em seus cotidianos.

⁴⁹ SANT’ANNA, DeniseBernuzzi. **Políticas do Corpo- Elementos para uma histórico das práticas corporais**. Ed. 2º

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário brasileiro do século XX está a passar por sutis mudanças sociais e políticas. A formação da sociedade moderna pretendia a exclusão do passado imperial-escravista do século XIX, implementando conceitos de progresso e modernização. Sendo assim, as grandes capitais brasileiras, como é o caso de Recife, passavam por uma grande reforma urbana, tendo como o enfoque a demolição de imagens e signos que representassem o atraso deste passado que se pretendia esquecer. A formação de uma identidade nacional fazia-se mais que necessária para a designação do que é sermoderno no Brasil do século XX. Com isso, ideias europeias passam a influenciar a formação do “Homem Brasileiro” tendo como enfoque a retirada das “raças” consideradas como provocadoras da “degeneração” da sociedade brasileira, o que Dávila designa de uma “Eugenia brasileira”⁵⁰.

O panorama social paraibano não estava em uma mesma “velocidade”, se compararmos como o Estado do Rio de Janeiro, em que as ideias de modernidade vindas da Europa, mais enfaticamente da França, passavam a compor o social e o político da capital. Na Paraíba ainda podemos perceber um sistema político voltado para o coronelismo e ao voto de cabresto, mas mesmo assim, havia aquelas pequenas manifestações que ensejavam a modernidade paraibana.

As revistas do século XX foram os principais veículos dessas questões que relacionavam o cotidiano brasileiro com os conceitos de modernidade, sendo elas os meios mais acessíveis, com os quais a população brasileira passava a recorrer para entender como estava sendo pautada essa nova forma de agir, segundo os preceitos de trazidos pela modernidade. A **Revista Era Nova** foi uma delas, levando em consideração o contexto histórico paraibano. Em seus anúncios e matérias, víamos os reflexos que a modernidade vinha trazendo no meio social e político da época. Eram novas ideias, novas questões, novas formas de ver e sentir.

As mulheres foram as principais protagonistas das revistas nos anúncios e matérias dos anos de 1920. Com seu descolamento do meio privado para o meu público, as revistas da época traziam essas mulheres que, agora, não estavam mais tão centradas ao meio da casa e do lar. Com o advento da modernidade, ela agora quer “aparecer” e ser vista aos olhares do moderno, como se fossem parte integrante desse novo cenário que estava a se modificar. O corpo feminino passa a ser modelado com a vinda da modernidade. A mulher precisava manter-se sedutora e sempre bela, sendo ela a vitrine dos novos modelos de beleza. A

⁵⁰Dávila, Jerry. “Diploma de Brancura”.

indústria e mercado de beleza passam a ter sua evolução graças à modernidade. As senhoras e senhoritas que ensejavam ser modernas, passam a ter maior interesse em adquirir os produtos que a fizessem belas e jovens por muito mais tempo.

Por esse motivo, a indústria cosmética se fez valer das propagandas e anúncios nas revistas da época, pois as mesmas eram as principais comunicadoras desses ideais de modernidade. Sendo assim, o mercado da beleza uniu o útil ao agradável, quando escolheram as revistas como as principais divulgadoras de seus produtos, principalmente porque elas eram lidas pelas mulheres que procuravam saber um pouco mais da vida moderna, não só no contexto nacional como no internacional, tomando como exemplo a Europa. E é justamente isso que pude detectar nos anúncios publicitários da indústria da beleza, nas páginas da **Revista Era Nova**. Algo que ia de encontro com interesse social feminino da procura do que é moderno, e a intencionalidade do mercado da beleza de ampliar seu público através de seu discurso incentivador da modernidade.

Para finalizar, esse trabalho que propus veio para mim como uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre a modernidade vinculados com ideias de beleza, vistos pelo viés da análise documental em cima dos anúncios publicitários da **Revista Era Nova**. Partindo de um assunto que por muito tempo permaneceu silenciado na historiografia paraibana, que é o cotidiano feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<http://acertodecontas.blog.br/artigos/lombroso-e-a-ideia-do-delinquente-nato/> Acesso em: 01 de Julho de 2014

AGRA, Giscard. **“A Urbs – Doente Medicada: A higiene na Construção G(g) rante 1877 - 1935”**.

ANDRADE, Manuel Correia. **“Gilberto Freyre e os grandes desafios do século XX”**. Petropolis, RJ: Ed: Vozes, 2002.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e outras Conquistas Materiais e Simbólica (1880-1925). In: **A Paraíba do Império e na República**. 3º Ed. Campina Grande. EDUFCG.

CAULFIELD, Sueann. **“Em Defesa da Honra- Moralidade, Modernidade e Nação No Rio de Janeiro (1918-1940)”**

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia da Letras, 2008

CHARTIER, Roger. **“A História Cultural – Entre Práticas e Representações”**-

DÁVILA, JERRY. **Diploma de Brancura : Política social e racial no Brasil (1917-1945)**/ tradução : Claudia Sant’Ana Martins. – São Paulo: Editora UNESP, 2006

DEL Priori, Mary. **“Histórias e Conversas de Mulher”** 1.ed - São Paulo. Ed: Planeta, 2013

LUCA, Tania Regina. “Fontes Impressas – História dos, nos e por meio dos Periódicos”. In: **“Fontes Históricas”**. PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). 2. Ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Ed: Contexto, 2010

FRENETTE, Marco. **“A Beleza e Seus Infelizes”** – www.wooz.org.br/artigobezeza.htm – Acesso em: 11 de maio de 2014

GURJÃO, Eliete de Queiroz. A Paraíba Republicana (1889-1945). In SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **“Estrutura de Poder na Paraíba”**. João Pessoa. EDUEPB, 1999

HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **“A invenção do Moderno: medicina, educação e engenharia dos anos 20 á 30”**.- Rio de Janeiro,1994.

HOBSBAWN, Eric. **“A Nova Mulher”**In: **A Era dos Impérios 1875-1917**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **“Os Excluídos da História – Operários, Mulheres, Prisioneiros”**. Ed: Paz & Terra.

OLIVEIRA, Cláudia de; LINS, Vera; VELLOSO, Monica Pimenta. **“O Moderno em Revistas- Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930”**. Rio de Janeiro; Ed: Garamond, 2010

ORTIZ, Renato. **“A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Industria Cultural”**. Ed: Brasiliense. São Paulo

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **“A higienização dos Costumes: Educação escolar e saúde do Projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)”**. Companhia das Letras. São Paulo: Fapesp, 2003.

ROMERO, Elaine. **“Corpo, Mulher e Sociedade”**. Campinas, São Paulo, 1995.

SCHWARCZ, Moritz Lilia. **“O Espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questões Racial no Brasil (1870-1930)”**. Companhia das Letras. São Paulo, 1993.

SANT’ANA. Denise Bernuzzi. **“Políticas do Corpo – Elementos para uma história das práticas corporais”**. 2 ed.- São Paulo : Estação Liberdade, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. In: **“História da Vida Privada do Brasil- República: da Belle Époque á Era do Rádio”**.3.ed. São Paulo, 1998, Companhia das Letras.

<http://searadeideias.blogspot.com.br/2012/02/pisitivismo-comtiano-brevissimo.html> Acesso em: 01 de Julho de 2014

SILVA, Alômia Abrantes. **“Imagens de si: Inscrições de Corpo e Gênero nos Retratos da “Era Nova”**”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011

SILVA, Alômia Abrantes. **“Paraíba, Mulher Macho: Tessituras de Gênero (Desa)fos da História (Paraíba, século XX)”**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

<http://www.simonsen.br/eja/arquivos-pdf/socio2-cap5.pdf>. Acesso em: 01 de Julho de 2014

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra. **“Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônica”**. In: **“A Paraíba do Império e na República”**. 3º Ed. Campina Grande. EDUFCG

VIGARELLO, George. **“História da beleza: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje”**.